

CÁLICES

Roberto Rodrigues *

Entre os últimos dias de agosto e os primeiros de setembro fui a vários lugares do Brasil para participar de eventos de produtores rurais.

Entre os elementos que revi em cada localidade, três me chamaram a atenção.

O primeiro é o espírito empreendedor e indômito do nosso agropecuarista. Se o noticiário diário está cheio de problemas de toda ordem, principalmente na esfera política, o que enche de desânimo o espectador, viajar pelas regiões de produção é, como se diz ali, "uma injeção de óleo canforado na veia": homens e mulheres destemidos estão preparando os seus terrenos para plantar mais uma grande safra. Os preços caíram, precária é a armazenagem, o frete subiu com o aumento do diesel, o câmbio não ajuda, muita incerteza sobre o clima, crédito mais complicado, o cenário, enfim, não é favorável. Muita reclamação por causa disso tudo, muita inquietação com o horizonte eleitoral de 2018, mas a turma vai plantar. Meio de costas para Brasília e com os olhos postos nas informações de mercado, a turma vai plantar. Este povo do campo vai mesmo continuar ajudando o país, como ficou mais uma vez provado com os dados recentes do IBGE ao analisar a economia do segundo trimestre: o PIB agropecuário cresceu 14,9% em relação ao mesmo período de 2016! Enquanto isso, o PIB nacional só cresceu 0,3%... Sabemos que este aumento do agro se deve em grande parte aos números muito baixos do ano passado, afetado que foi pelo El Niño, que derrubou a produção em geral. Mas em compensação os preços estão bem menores este ano, e mesmo assim o salto foi impactante. E isso deve continuar no segundo semestre porque muita gente segurou a venda de soja e milho esperando melhoria de preços, e todos os estoques deverão ser mais comercializados ao longo dos próximos meses. Mas enfim, o que chama a atenção e nos enche o peito de esperança é a determinação dos fazendeiros. Vão plantar, com Janot ou com Raquel, com Fachin ou com Carmen Lúcia, com PT, com PSDB ou com PMDB. Com quem vier. Com chuva ou com sol.

Aliás, o segundo elemento relevante é exatamente esse, o sol. A seca está muito grande, tem áreas sem chuva há mais de 80 dias. Pastaria secou, o gado está comendo capim fenado ao natural. E sem sinal de chuva abundante e criadeira para perto. Isso perturba o preparo do solo porque a terra fica muito dura e atrasa os plantios, reduzindo as melhores janelas para ciclos normais. E ainda quebra a produtividade da cana e derruba florada de café e laranja. Portanto, horizontes mais plúmbeos.

E o terceiro elemento é consequência desse segundo: nunca vi uma florada tão maravilhosa dos ipês amarelos. Estão simplesmente espetaculares, por todo o país. Lembro-me, a esse respeito, de um discurso que fiz há muitos anos em Minas Gerais, numa seca igualmente terrível: disse naquele então que em agosto, mês de cachorro louco, quando tudo está ressequido e feio, a cor cinza domina os cenários, quando o fogo queima sem dó deixando uma indesejada bruma que turva os horizontes, quando as crianças sofrem com gripes chatas e os velhos com pneumonias perigosas, quando há "un olor a muerte" (como dizem os

"hermanos"), é nesta hora que os ipês amarelos lançam suas mais delicadas raízes em busca, nas profundezas do solo árido, das últimas gotas de água do lençol freático exaurido e as trazem para cima, para seus galhos milagrosamente fortes, e as transformam em cálices de ouro a magnificar a paisagem trágica. E ainda agreguei: que lição o ipê amarelo, a árvore nacional do Brasil, nos dá com isso! É no auge de sua dor que ele enfeita e emociona com sua beleza luxuriante. Assim devemos ser também, não importa a dor que cada um de nós possa ter: para os circunstantes, só devemos mostrar sorrisos. A dor é de cada um, deve ser guardada, mas a alegria deve ser oferecida a todos. O cálice de fel é individual, o de ouro, como o dos ipês, coletivo.

Pois este discurso chegou aos ouvidos de um homem notável, Shunji Nishimura, fundador da Jacto, líder nato e natural, cidadão honrado que fez do trabalho sua religião, da família sua dedicação, da empresa sua criação. Pois ele escreveu um verso a propósito da imagem que tracei. Disse ele que as flores são lindas e todos as admiram; mas ninguém vê a luta das raízes para fazê-las. Que delicadeza e que filosófica observação!

Penso que os agricultores são parecidos com os ipês amarelos. Estão lá, cada qual no seu rincão solitário e seco, sofrendo com o momento difícil, mas sorrindo com a esperança de uma nova safra. E sua alma canta esta esperança. Mais ou menos como a ave de um outro poema que o mesmo Shuiji me enviou anos depois:

"...E no silêncio das horas
Canta um pássaro contente,
Sem se importar se alguém o ouve,
Ou se ninguém está presente".

Beleza pura! Como os cantos dos sabiás que, surpreendentes e incansáveis, engalanam as alvoradas de cada dia em busca de seu par...

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terceiras segundas-feiras do mês**